

A PROPULSÃO CÓSMICA PARA A EVOLUÇÃO

Saudações, queridíssimos amigos. Bênçãos para cada um de vocês. Uma grande corrente de força e bênçãos divinas os percorre e os rodeia com muita potência. Tenham consciência dela, sintonizem-se com ela, e perceberão que ela é real. Com essa ajuda, um profundo entendimento desta palestra vai permitir que vocês deem mais um passo à frente no caminho para encontrarem a si mesmos.

Existe uma grande atração no universo manifesto em que vivem. Essa atração faz parte do princípio criativo. Como cada consciência individual também faz parte do mesmo princípio criativo e é feita da mesma substância, por assim dizer, essa atração existe necessariamente em todo ser humano. Ela é voltada para a união, como esse termo é usado em geral. Mas termos como esses, depois de algum tempo, perdem o sentido. O que, de fato, significa união? O que, de fato, significa a união com Deus, ou com a parte divina do eu? O que significa a união com outro ser humano? Como isso se aplica ao ser humano que vive neste mundo?

Em primeiro lugar, todo o plano da evolução diz respeito a unir, a reunir as consciências individuais – pois somente assim é possível eliminar a separação. A união com uma ideia abstrata, com um Deus intangível, com um processo mental não é realmente união. Somente o contato real de uma pessoa com outra estabelece, na personalidade como um todo, as condições que são o pré-requisito da verdadeira união e unidade interiores. Portanto, essa atração se manifesta como uma força enorme, levando o homem a buscar os outros, tornando a separação dolorosa e vazia. A força vital, assim, é permeada não apenas da atração para os outros, mas também de supremo prazer. Vida e prazer são uma só coisa. O desprazer é a distorção da força vital e provém da oposição ao princípio criativo. Vida, prazer, contato com os outros, união com os outros são o objetivo do plano cósmico.

Essa atração visa tirar o homem de seu isolamento. Sua direção é o contato e a fusão. Portanto, seguir, acompanhar essa atração cósmica é venturoso. É algo ao mesmo tempo animador e pacífico. No entanto, a consciência individual se opõe a essa atração. Ela se opõe à atração por causa da ideia errônea de que, ao ceder a ela, a pessoa será aniquilada. Assim, o homem se coloca na situação paradoxal de acreditar que a vida provém da oposição à vida.

Consequentemente, o homem vive em um conflito muito profundo que transcende as razões psicológicas e a motivação descobertas no decorrer da investigação do eu. Todas essas razões são, em si mesmas, válidas. Podem ser o resultado de experiências negativas na infância, de interpretação equivocada de acontecimentos e de sua importância na infância, de mágoas e medos que a pessoa

não entendeu e assimilou devidamente. Tudo isso é verdadeiro e tudo isso precisa ser investigado para a pessoa poder enfrentar e encarar um conflito universal e metafísico mais profundo – do qual estou falando agora. Esse conflito existe porque a atração não pode ser eliminada. É a própria força evolutiva que constitui a realidade viva em tudo que existe e respira. Ela perpassa todas as partículas da existência e, portanto, também existe na psique profunda do homem, quer ele tenha ou não ciência disso.

O outro lado do conflito é o medo e a oposição a essa atração; desta forma, a personalidade nada contra o fluxo natural. Na medida em que a mente consciente e/ou inconsciente do homem acredita que o objetivo, a direção da atração da força vital é a aniquilação, nessa mesma medida ele nada contra a própria vida, de maneira apreensiva e vigorosa. Esta é a razão mais profunda dos equívocos do homem, de seus falsos medos e culpas, de sua negatividade e destrutividade. Bem no fundo, ele sabe que não confia na maior das forças espirituais e, por conseguinte, no próprio processo vital. Nasce assim uma profunda culpa que muitas vezes se manifesta no plano superficial como culpas injustificadas das quais ele não consegue se livrar.

Esse conflito se manifesta na prática, na realidade, como o medo de seus instintos mais profundos, de modo que o homem jamais consegue descontrair e baixar a guarda em relação a si mesmo. Como ela faz parte da vida na qual não confia, segue-se que também não confia em seu eu mais profundo. É por isso que o homem afirma, postula e insiste em uma divisão entre corpo e espírito – e é por isso que o conceito da dualidade se perpetua de geração a geração. O homem parece encontrar sua salvação exatamente nessa divisão, porque por meio dela consegue justificar sua rejeição ao princípio vital como se manifesta em seu íntimo. Assim, ele passa a considerar o que teme como algo perigoso, aniquilador, errado e mau, enquanto alega que a negação de sua própria natureza é certa e boa. Ele justifica essa atitude irracional ao apontar para as manifestações mais distorcidas do princípio da vida, da corrente do prazer, como se fossem prova de sua maldade. E assim vai ele, século após século, pregando que o corpo é pecaminoso, enquanto o espírito deve ser o oposto do corpo e suas forças e, portanto, bom.

É errado dizer que as dificuldades do homem têm origem nessas concepções equivocadas, nesses erros trágicos que ele aceita como verdade final e espiritualidade. É mais correto afirmar que esses equívocos são o produto desse profundo conflito espiritual que motiva o homem a acusar uma parte do grande princípio espiritual da vida de ser o oposto do que realmente é.

A injúria a essa grande força poderosa absolutamente não significa a aceitação interior, a confiança nela. Trata-se antes de uma variante da luta que ocorre quando a pessoa, em sua própria natureza, se opõe à vida. Quando um lado pende para os outros e leva a personalidade a aceitar seus instintos e sua natureza, mas o outro recusa esse movimento, segue-se necessariamente a sensação de privação, de vazio, de falta de sentido, de desperdício, o que por sua vez pode ser exageradamente compensado por um abuso cego, revoltado e distorcido dessas forças. Isso resulta em uma experiência sem prazer e parece justificar a sensação de erro e perigo. Aqui temos verdadeiramente um conflito, uma luta entre a vida e a morte. Pois é disso que parece se tratar.

O grau e a maneira como esse conflito se manifesta nas pessoas variam muito. Mas uma coisa pode ser dita com certeza: quanto maior o conflito e mais fortes as duas atrações opostas – ceder à força cósmica ou opor-se a ela – nessa mesma medida existem dor e problemas no homem.

Se o homem não consegue se permitir, livremente, no mais profundo do seu ser, fluir com a corrente cósmica, ele necessariamente distorce essa corrente cósmica em seu íntimo. Como não confia nessa força cósmica, e como se opõe a ela, e como essa mesma força cósmica se manifesta em seu eu mais profundo, ele não confia em si mesmo. Pois para confiar em si e na sua natureza mais íntima, ele precisa primeiro confiar nessa atração, que consegue reconhecer facilmente. Portanto, quando o homem separa, em sua mente, a natureza do princípio divino, ou sua natureza mais íntima da verdade espiritual, ele comete o maior dos erros, que resulta na maior das confusões. Como poderia a natureza, inclusive o mais profundo da natureza do homem, opor-se ao plano evolutivo divino? É somente por causa da contra-atração, dessa luta, que passam a existir camadas que não são dignas de confiança e que parecem justificar a desconfiança do homem em relação a seu eu instintivo. Somente a coragem de explorar e experimentar dentro de si essas camadas é que produzirá a verdade de uma essência subjacente que é totalmente digna de confiança. Mas isso, como eu disse, somente pode ser vivenciado quando é entendida a profunda atração da natureza, da evolução, do princípio criativo. O entendimento intelectual é menos importante que o entendimento intuitivo, pois somente este, embora muitas vezes com a ajuda inicial dos conceitos intelectuais, permitirá que a pessoa elimine esse conflito.

É por causa desse conflito que a força criativa não consegue fluir livremente e, ao contrário, fica congestionada. Ao se congestionar, ela impede que a pessoa participe das forças da natureza que são compatíveis com seu ser total e seu próprio destino. O homem bloqueia e se opõe a essa atração, mas nem por isso consegue evitá-la. Ela sempre o leva ao contato com os outros. O medo desse contato faz com que algumas pessoas, nas quais o medo é muito forte, se retraiam temporariamente. Como acontece com tudo o mais, também a gradação desse retraimento varia muito. Ele pode manifestar-se na vida e no comportamento externos do homem, mas também se manifesta de maneira muito mais sutil e não tão fácil de detectar. Ou seja, exteriormente ele pode fazer contatos, enquanto por dentro não se envolve, permanece isolado, separado. Seja qual for o grau, não é possível mantê-lo a longo prazo, pois o isolamento acaba por tornar-se intolerável, já que nada que se opõe ao princípio da vida pode ser mantido. No fim das contas, o princípio da vida representa a realidade final, enquanto o medo dele se baseia em uma ilusão. Não se pode manter uma ilusão para sempre. A ansiedade decorrente da ilusão e do meio ilusório de proteger o eu contra um perigo ilusório somente pode ser eliminada quando esse conflito profundo é entendido e acatado e quando a personalidade finalmente se permite estar em harmonia com o princípio criativo.

Como eu disse, mesmo quando a oposição é grande, a atração para o contato e a fusão com o outro permanece, pois é uma realidade fundamental da criação. Mas a contra-atração com seu medo, desconfiança e outros sentimentos destrutivos que surgem cria, necessariamente, o contato negativo. Em todos os seres humanos existe sempre alguma contra-atração, mesmo em pessoas relativamente integradas e saudáveis. Se não fosse assim, elas não se manifestariam como seres humanos nesta forma e dimensão específicas da consciência. Mas vamos falar da pessoa cuja contra-atração é relativamente fraca e cuja personalidade predominante afirma a vida e seus próprios instintos mais pro-

fundos, e que, portanto é proporcionalmente sem conflitos. Sua experiência e contato com os outros serão proporcionalmente venturosos e sem problemas. Nos termos da última palestra, o princípio do prazer se manifestará de uma forma muito favorável, fazendo da reciprocidade, do amor autêntico e do prazer supremo uma realidade viva. Na medida em que a oposição à atração cósmica bloqueia e congestiona e a corrente cósmica é lançada fora de seu molde natural, segue-se necessariamente o contato negativo e doloroso. Nos termos da última palestra, o princípio do prazer é associado a uma situação negativa nascida das experiências da infância. Isso torna a satisfação impossível, porque a experiência do prazer é sempre ameaçada pela negatividade a ela associada. A pessoa, assim, passa a ser uma palha impotente entre dois puxões, empurrada para o contato doloroso, combinando assim os dois fatores representados pelas duas direções: (1) a atração para o contato, (2) o medo do contato e, conseqüentemente, a fuga. Esta engendra duas reações defensivas fundamentais, ou o desejo de ferir ou a sensação de ser ferido, como subproduto inevitável do contato. Como o princípio do prazer está sempre presente na corrente vital, ele se associa à forma distorcida em que o contato ocorre.

A maior de todas as forças da vida humana não pode ser eliminada, mas se for distorcida, o prazer é negativo. Como o contato parece magoar, o prazer se manifesta na forma de causar mágoa ou ser magoado – de uma ou outra forma, em maior ou menor grau. Inevitavelmente, é criado um desses círculos viciosos. Quanto mais dolorosa a forma como se manifesta a atração cósmica no princípio do prazer, tanto maiores o medo, a apreensão, a culpa, a vergonha, a tensão, de tal forma que a oposição cresce, o conflito aumenta, e o círculo vicioso prossegue.

O problema evolucionário de toda consciência existente e manifesta, portanto, é entender e experimentar com profundidade essa realidade da vida, da criação, e não julgar erradamente a manifestação negativa do contato e do princípio do prazer. O homem precisa ir mais além, adotando uma atitude aberta de busca de sua natureza mais profunda, dando a ela uma chance, por assim dizer, e não tomar as emoções negativas que ele encontra a princípio como a realidade última e final de sua vida instintiva. A camada em que existe a destrutividade, o egoísmo cego, a desonestidade, bem como as associações vergonhosas do princípio do prazer com situações negativas não é a natureza mais profunda do homem. Não passa de uma demonstração ou de um resultado desse conflito específico, meus amigos. Não há como enfatizar demais essa questão, pois quando o homem desconfia de sua natureza mais íntima, ele fatalmente desconfia de todo o universo espiritual. Uma coisa não existe sem a outra. Chega um momento no caminho para a liberação em que o problema precisa ser atacado dos dois lados. É somente quando o homem tem a coragem e a honestidade de encarar aquilo de que não gosta em si mesmo que ele pode descobrir que a verdadeira energia e substância dessas atitudes e traços é essencialmente construtiva e digna de confiança e pode ser convertida por meio dessa percepção e pelo desejo profundo de assim proceder. Conseqüentemente, os processos da vida passarão a ser dignos de confiança, e a oposição a eles perderão o sentido. Inversamente, quando o homem considera a possibilidade de que todo o processo criativo seja digno de confiança em si mesmo, ele desenvolve a energia criativa e a divina substância e as transforma em criatividade.

É impossível confiar em Deus, confiar na vida, confiar na criação, confiar na natureza se a pessoa não confiar em seus próprios instintos mais profundos e íntimos. De onde vêm esses instintos? Eles não podem ser esmagados, não podem ser negados, não podem ser arrancados, nem po-

dem ser impostos de fora à força com elementos que são alheios a eles e que parecem, insensatamente, mais agradáveis para a alma temerosa. A única saída é entender que esses instintos mais íntimos são bons como tal, se não houver interferência neles; são parte do poder divino e em nada opostos ou hostis ao crescimento espiritual. Este é um dos mais trágicos erros da humanidade – trágico porque nada retarda tanto o plano evolucionário como esse equívoco aceito por pessoas sob outros aspectos bastante esclarecidas, que são bem intencionadas, mas não enxergam seus medos e erros. Esses instintos mostram ser portadores de luz quando não são julgados incorretamente, combatidos, negados e separados de sua origem divina por uma dualidade artificial que pressupõe a maldade desses instintos e os vê como opostos da vida divina ou espiritual.

Portanto, o homem somente pode ser ele mesmo quando entende isso e, em consequência, deixa de temer e lutar contra si mesmo, seus instintos, seu corpo, sua natureza – e assim, contra a natureza como tal. Esta é a grande luta da humanidade. O entendimento disso em geral por todos os líderes espirituais será uma considerável contribuição para a luta pessoal. Não saber disso, prosseguir no cego envolvimento dessa luta torna o eu incapaz de abrir mão de sua separação. Desta forma, o homem se impede de realizar seus instintos mais íntimos, mais disponíveis, mais imediatos, na forma como existem na esfera física e emocional. A paz entre o corpo e a alma é um resultado inevitável, um produto da autorrealização. É errôneo acreditar que se pode simplesmente ignorar o corpo na grande aventura da integração. Quando a pessoa deixa o corpo sem ter havido a integração, esse trabalho fica por fazer.

A profundidade e a universalidade desse conflito ficam evidentes quando se observa que muitas vezes as pessoas mais iluminadas, evoluídas e, sob outros aspectos, despreconceituosas ficam constrangidas quando precisam encarar esse conflito em si mesmas. Mesmo quando elas não adotam opiniões tacanhas e contrárias à vida, essa profunda ansiedade interior, decorrente desse conflito, faz com que elas se tornem cegas ao que se passa em seu íntimo. Sempre que o homem não tem a coragem de encarar esse conflito como ele se manifesta, sem disfarces, nos mais profundos recessos do eu, ele fica até certo ponto isolado. Fica envolto numa dolorosa negatividade e divisão interiores, até que sua evolução o leve ao ponto em que deixa de ter medo da grande corrente da qual ele faz parte e que é parte dele – o que o leva em direção aos outros e desintegra a parede de separação e de defesas. Neste momento, ele descobre que não perde sua individualidade mas, muito pelo contrário, ele a amplia e se torna mais o que verdadeiramente é.

Agora eu gostaria de falar sobre um dos muitos aspectos da personalidade humana, que parece relativamente insignificante em comparação com o tópico desta palestra. Parece que não passa de uma faceta “psicológica”, relativamente superficial. No entanto, tem um profundo significado e ligação com este contexto, como vou mostrar adiante. Esse aspecto é a frustração. Como todas as atitudes humanas, ela pode ser facilmente distorcida em dois opostos, ambos igualmente indesejáveis e destrutivos. Todos sabem que a incapacidade de aguentar a frustração constitui um grave distúrbio da personalidade e prejudica o caráter da pessoa. A própria pessoa e os outros sofrem quando existe a incapacidade de lidar com a frustração, quando predominam as características que determinam essa incapacidade. Essas características são cobiça, autocentrismo, cegueira, medo. A pessoa falsamente esclarecida, para evitar esses obstáculos, prega a resignação, o martírio, a abstinência para aprender a grandiosa, a importante atitude da descontração interior.

Não é absolutamente verdadeiro que as únicas alternativas sejam a grande persistência, as exigências rígidas e inflexíveis, ou a renúncia à felicidade, à satisfação, à gratificação. Os dois extremos são igualmente errados, levam a resultados muitos semelhantes e derivam do mesmo problema básico.

Por motivos óbvios, a atitude errada em relação à frustração é prejudicial. Ela prejudica os relacionamentos, o respeito por si mesmo e a paz interior. Além dessas razões, vou falar agora do ponto de vista do princípio do prazer. O bebê, no esforço por obter prazer e, em seu desconhecimento, é incapaz de tolerar a frustração porque ele ignora as possibilidades do futuro. Enquanto não há maturidade, essa atitude continua na psique. Segue-se uma contradição aparente e peculiar. Quanto menos frustração pode ser tolerada, menos prazer pode existir. A pessoa que insiste rigidamente perde o prazer que deseja, ou porque a própria natureza de seu esforço torna impossível a satisfação ou, mesmo quando ela tem êxito, a natureza de seu estado interior torna impossível experimentar o prazer. Assim, ela não pode sair vitoriosa. Para sentir prazer, é preciso existir um estado interior de descontração; é preciso predominar um clima de flexibilidade; é necessária uma atitude positiva, inclusiva, de afirmação da vida. A pessoa que, interna ou externamente, se revolta contra a ausência de gratificação imediata é raivosa, exclusiva, negativa, tensa, teimosa. Todos esses são traços contrários ao princípio da vida e à corrente do prazer. É um erro do homem supor que aquilo que ele quer é mais importante e gera mais prazer do que o estado de sua mente.

Quando há um mau entendimento da importância de ser capaz de tolerar a frustração, o martírio, a abstinência, a renúncia – qualquer que seja o disfarce “espiritual” em que se apresentem – tornam impossível obter o prazer. A desesperança se instala, e também o desperdício. Como o prazer é um subproduto da corrente cósmica, não se pode dizer que ele não seja importante. Mas a insistência e a rigidez, que revelam uma atitude de “tudo ou nada”, são igualmente errôneas.

É somente quando a pessoa aprende o descontraído movimento da alma de se soltar, de permitir que o eu não faça o que quer agora, mas sem abandonar a perspectiva de se satisfazer, é somente então que se instala o clima necessário para permitir que a corrente cósmica flua. Em outras palavras, todas as pessoas precisam buscar a experiência interior em que elas se soltam e sentem a descontração dessa soltura – não renunciando para sempre, porém deixando-se tomar pelo prazer proporcionado apenas pela potência dessa soltura. Quem nunca teve essa experiência pode achar o que eu acabei de dizer obscuro ou até contraditório. Mas aqueles de vocês que alguma vez já tiveram um vislumbre desse sentimento sabem do poder e da realidade do que estou falando e vão ouvir de maneira consciente e propositada.

Quando falo dessa atitude, ou desse movimento da alma ou prazer, estou me referindo a tudo, a todos os níveis de existência. Pode ser qualquer desejo pequeno ou grande, qualquer satisfação que desejem. Se estiverem interiormente tensos e tiverem consciência disso, mas não quiserem se descontraír adotando uma atitude de pensamento positivo, sábio e construtivo, uma atitude de sensatez, justiça e humildade para chegar à satisfação total, vocês vão ficar cada vez mais longe de se sentir bem. Muitas vezes é grande a tentação de permanecer nesse estado de tensão, pois a raiva e a autopiiedade parecem ser um substituto da gratificação. Sair dessa situação exige os esforços mais construtivos do ego. Muitas vezes o avanço é apenas um minúsculo ponto, um “nadinha de esforço”. O

mecanismo então prossegue sozinho e o ego é levado pelas forças interiores que necessariamente são ativadas para seguir adiante. Uma vez desfeita a tensão, vem o prazer, exatamente através da atitude descrita. A flexibilidade de descontrair aceitando o que existe, mesmo se o que existe naquele momento não é o que querem, acaba por lhes proporcionar o que querem – em primeiro lugar, dando um sentimento bom a seu próprio respeito, e também de estarem em harmonia com o movimento cósmico da alma na sua psique. Mais tarde também virá aquilo que querem, é claro, de acordo com a lei da causa e efeito.

É esta atmosfera que é essencial para estabelecer o conhecimento interior de que toda satisfação está potencialmente ao seu alcance e virá quando vocês souberem disso. Mas é somente quando sabem disso com essa atmosfera de se soltar, de falta de intensidade, que a satisfação pode tornar-se realidade. Quando adotam a atitude de “preciso ter isso”, a satisfação não se concretiza. A tensão, em si, é hostil à vibração necessária para colocar vocês em harmonia com toda a satisfação que já existe como potencial a se concretizar.

Não é fácil captar essas ideias para quem as ouve pela primeira vez. Elas requerem estudo, não apenas o estudo de refletir sobre elas, mas o que é ainda mais essencial, de ver de que maneira estão interiormente tensos por não fazerem prevalecer a sua vontade. Ou talvez vocês tenham passado para o extremo oposto, a renúncia – que nada mais é senão o outro lado da moeda. Se observarem uma dessas atitudes, ou oscilarem entre as duas, poderão começar a busca interior, para chegar à experiência que descrevi: soltar-se, abandonar-se ao prazer do movimento de soltar-se. Pouco a pouco, vão remover os bloqueios que os apertam.

O tema da frustração tem ligação direta com o que eu disse antes. Quando o homem bloqueia a corrente do princípio criativo que lhe proporciona o prazer supremo de abrir mão da separação, ele frustra a si mesmo no plano mais importante de sua vida. Se não fosse assim, ele jamais teria de tolerar a frustração, a insatisfação, o vazio, a sensação de que sua vida deixa a desejar. Como o homem teme a satisfação da corrente cósmica e a bloqueia, existe inevitavelmente, ao mesmo tempo, o medo da insatisfação. A incapacidade de aguentar a frustração é resultado do medo da insatisfação. O medo da insatisfação existe no grau exato em que a pessoa interior luta contra a satisfação. A importância dessas ligações é incomensurável.

Isso se aplica a tudo na vida do homem. É claro que, primordial e fundamentalmente, se aplica à grande questão da união cósmica com outra pessoa, à questão de confiar na própria natureza instintiva profunda e, conseqüentemente, vivenciar o estado de mais elevada ventura de que o homem é capaz. Também se aplica a questões mentais, aos níveis de realização, da vida cotidiana no mundo. O medo tantas vezes sentido do fracasso é resultado de temer o sucesso. O sucesso parece vagamente ser algo tão destruidor e perigoso quanto qualquer satisfação ou felicidade. O medo das pequenas felicidades é uma manifestação menor do medo da grande felicidade que ocorre quando o homem deixa de temer suas forças instintivas. Quando a pessoa teme a satisfação, ela bloqueia e assim impossibilita a satisfação, de modo que passa a temer a insatisfação, agora justificadamente. Desta forma, não consegue suportar o vazio e luta contra qualquer frustração. A insistência inexorável em não ser frustrado expressa a seguinte atitude: “quero ser feliz e me sentir bem sem precisar

aceitar, com confiança e boa vontade, o universo como ele se manifesta em mim.” Isso, naturalmente, é uma impossibilidade total.

A frustração não poderia ser um problema se o fluxo cósmico fosse entendido e aceito e se a natureza mais íntima não fosse uma força temida, objeto de resistência e luta da pessoa em questão. Meus amigos, procurem sentir essas coisas na sua vida pessoal e trabalhar essas questões.

E agora, meus amigos, querem fazer alguma pergunta sobre esse tópico?

PERGUNTA: O que é essa atração interior de que você falou? Eu não entendi muito bem.

RESPOSTA: É uma atração para outra pessoa, para uma expressão das forças instintivas, para uma integração dessas forças instintivas com a mente consciente e com os conceitos da pessoa e sua aceitação da vida, do eu, dos outros.

PERGUNTA: Você falou sobre a atração cósmica que se torna negativa na pessoa num determinado período de seu desenvolvimento. Poderia explicar melhor?

RESPOSTA: Quando uma pessoa se opõe a essa atração cósmica e luta contra ela, há um conflito. A atração original continua sendo a maior força, pois é uma força cósmica primária, enquanto a luta contra ela é uma força secundária, imposta de fora e mais fraca, de modo que mesmo assim o homem é atraído para os contatos. No entanto, a força contrária nele nega e recusa a força primária, de tal forma que a negação se combina com o movimento e a força originais. Assim, surge o contato negativo. O contato real que acontece é uma expressão da atração para os outros; a dor decorrente dele é uma expressão da contra-atração. Na medida em que existe o medo da atração cósmica e do seu destino, o amor – que somente pode prosperar em uma atmosfera onde não existe medo – fica necessariamente ausente do contato. O medo gera defesas, mágoas, raiva – tudo isso entra em contato e se combina com o princípio do prazer, como falei anteriormente.

Isso pode se manifestar em qualquer plano da personalidade. O contato negativo que se manifesta no desejo de magoar se expressa na vida cotidiana na forma de alterações, hostilidade, agressão. No plano sexual, a pessoa é sádica. O contato negativo que se manifesta em ser magoado se expressa na vida cotidiana como tendência a deixar-se aproveitar pelos outros. A pessoa em questão sempre dá um jeito de se colocar em posição desvantajosa. Acaba adotando padrões de comportamento que a prejudicam. No plano sexual, essa pessoa é masoquista. Pois bem, é claro que se precisa entender que não se trata nunca de ou uma coisa ou outra. Sempre existem os dois elementos representados na personalidade, mas apenas um deles predomina e aparece na superfície. Por exemplo, uma pessoa que teme sua crueldade, seu medo de sentir prazer ferindo os outros, pode inverter o movimento e dirigir a crueldade para si mesma. Ocorre a mesma coisa com o outro extremo. Como tudo isso ocorre num plano cego, inconsciente, a pessoa não sabe o que está fazendo. Não sabe o que a motiva e, portanto, é incapaz de deter o processo destrutivo.

Esta palestra tem a intenção de fazer vocês entenderem que os aspectos psicológicos têm uma origem muito mais profunda do que normalmente se supõe na psicologia comum. Essa origem é o

conflito profundo, metafísico, existente em todos os seres humanos. Quando ele é percebido e experimentado, fica muito mais fácil eliminar as distorções psicológicas que parecem ter se originado nesta vida. Por outro lado, também é preciso entender que isso não pode ser experimentado, e que a luta cósmica não pode se tornar nem vagamente consciente enquanto a pessoa não tiver uma considerável percepção e entendimento de seu inconsciente.

Mostrei a vocês um tópico com o qual podem mais uma vez, se quiserem, fazer um profundo avanço no seu eu mais íntimo. Usem, explorem esse tema, não tenham medo do eu profundo. Fugir do eu profundo é muito trágico, pois isso acarreta muito erro desnecessário, muito sofrimento desnecessário. Nada mais pode gerar tanta dor quanto fugir do eu. Vocês não têm nada, absolutamente nada a temer. Olhem sempre para o fundo de si mesmos sem defesas, sem apreensão, sem ansiedade. Quanto mais olharem para si mesmos, mais condições terão de fazer contato com os outros. Quanto mais fugirem de si mesmos, tanto mais superficial, problemático ou insatisfatório será esse contato. Fiquem em paz, meus amigos, sejam abençoados, fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.